

A fíbula de charneira curta, segundo José Fortes, era já largamente usada ao norte da Itália no início da época imperial.

O lusitano submetido adoptou o modelo em paralelo com os antigos tipos. Isto, diz José Fortes trabalho cit. pág. 32, harmoniza-se com o resultado das escavações de Santos Rocha no cemitério luso-romano da Fonte Velha, dos sécs. I ou II, e na estação lusitano-romana da Pedrulha, dos sécs. III ou IV, nas quais colheu algumas fíbulas de charneira curta e pé com botão terminal.

Quanto à fíbula circular sabe-se que já era usada na Lusitânia antes das invasões romanas e que perdurou, mantendo as suas linhas gerais, até pelo menos ao séc. IV.

Há pois relativa concordância na ampla atribuição cronológica que cada uma das três peças referidas permite inferir. Estes três achados podem dizer-nos apenas que correspondem ao período da romanização dos castros do noroeste peninsular, que foi particularmente intensa nos dois ou três primeiros séculos da nossa era.

J. R. SANTOS JÚNIOR.

Um botilho trasmontano

No Felgar, importante freguesia do concelho de Moncorvo, no leste trasmontano, entre Sabor e Douro, fotografei o *botilho* que vai reproduzido nas figs. 1 e 2.

Segundo informação dada pelo meu amigo Sr. Óscar Salgado, proprietário no Felgar, este mesmo nome de *botilho* é dado também a um invólucro saquiforme feito de arame ou de vime que, preso aos chifres por dois cordéis, serve para tapar o focinho das crias quando se pretende evitar que elas mamem. É aquilo que em muitas regiões é conhecido pelo nome de *cofinho*, e vem reproduzido em primorosos desenhos de F. Galhano no trabalho de Jorge Dias a que abaixo nos referimos. Este cofinho, a que no Felgar chamam *botilho*, só é posto às crias pequenas durante a noite quando querem aproveitar para vender o leite das mães.

Quando porém um vitelo já crescido tem de acompanhar a mãe para a pastagem nos lameiros ou no monte, usa-se o *botilho*, reproduzido nas figs. 1 e 2; assim se consegue que, mesmo em liberdade e junto das mães, as crias sejam apartadas do leite. O *botilho* aplica-se de tal modo amarrado que o vitelo quando tenta mamar pica o úbere da mãe. Esta dói-se e escouceia o filho.

Como bem mostram as figs. 1 e 2 o *botilho* é constituído pela *tábua* com pregos cravados na extremidade inferior e ajusta-se à testa e focinho do bezerro presa com dois atilhos.

O cimeiro, que no exemplar fotografado era de couro e se amarra por trás dos cornitos, tem a designação de *correia*.

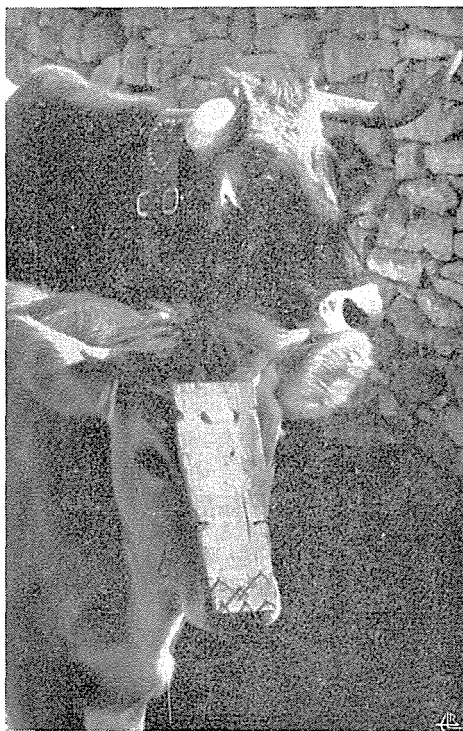


Fig. 1 — Vaca com seu vitelo, este com o *botilho* ou *focinheira*, visto de frente

O outro, que passa por trás do queixo e no exemplar, que vimos era de arame, pode ser também de couro ou qualquer cordel resistente e tem o nome de *focinheira*. Este segundo atilho tem de ficar suficientemente frouxo de modo a permitir os movimentos da mandíbula, mas num grau de ajustamento que o não deixe cair.

Parece que no Felgar, ao *botilho* algumas vezes chamam também *focinheira*. Neste caso dão ao todo, como designação geral, o nome de uma das suas partes.

No vol. XVI dos *Trabalhos* da nossa Sociedade de Antropologia, págs. 171 a 175, Jorge Dias publicou um pequeno trabalho intitulado *Contribuição para o estudo do barbilho*. Este trabalho parece ter sido sugerido pelos estudos do etnógrafo brasileiro Frederico Lane, *Notas sobre o uso do «barbilho» ou «tranca» nos estados centrais do Brasil*, in «Arquivos do Museu Paranaense», 3, págs. 233-237, 2 figs., Curitiba, Paraná, 1943, e *Notas sobre o uso do barbilho*, in «Revista do Museu Paulista», nova série, Vol. II, São Paulo, 1948, págs. 287-293, 3 est., (apud Jorge Dias, cit.).



Fig. 2 — *Botilho* ou *focinheira*, visto de perfil

Nesse trabalho Jorge Dias ocupa-se dos processos de que os ganadeiros se servem para evitar que os animais jovens, vitelos e cabritos, mamem.

Tais processos reparte-os por seis tipos subordinados à designação genérica de *barbilhos*.

Não se afigura justificada a repartição em 6 tipos, porquanto os 5.º e 6.º tipos são simples variantes do tipo cofinho, se é que variantes se podem chamar às focinheiras ou açaimos fabricados com materiais diferentes.

A fotografia que publicou na pág. 172 do trabalho não tem legenda nem a ela se refere concretamente no texto.

No fundo da pág. 173 o A. diz: «Tudo leva a crer que o uso do barbilho do primeiro tipo — *a tabuleta* — seja muito antigo.

Provavelmente teve a sua origem na Ásia entre os pastores nómadas, tendo daí passado para a Hungria e para as outras regiões ganadeiras da Europa Ocidental».

Porém na nota 13, pág. 175, lê-se: «Mesmo que a designação *tabuleta* exista em Itália, o facto de a palavra ser portuguesa, indica certamente uma origem portuguesa do barbilho».

Em face desta duplicidade de origem que lhe é atribuída, pode perguntar-se: Afinal a *tabuleta* é de origem asiática ou portuguesa?

Na nota 8, pág. 175, o A. diz que em Terra de Miranda (Trás-os-Montes) se chama *botilho* a um pequeno cilindro de madeira que se introduz na boca dos cabritos e fica preso ao pescoço por duas corditas amarradas a dois entalhes das extremidades do cilindro. Na mesma nota lê-se: «Diz-se embotilhá-los chibos. (Informação de Herculano de Carvalho)».

Por informe do meu amigo Sr. P.º António Mourinho, meu colaborador no estudo da etnografia do leste trasmontano à tábua com pregos chamam *picadeira*; ao atilho cimeiro chamam *ourilho* e ao que amarra a tábua por trás da queixada *baraço* ou *correia*.

O cilindro de madeira que aplicam periódicamente aos cabritos é *botilho*. Em Terra de Miranda os cordeiros não são embotilhados porque ali não ordenham as ovelhas. Só se ordenham do concelho de Mogadouro para o sul.

Em Miranda do Douro também usam a *trabincha* tábua que se aplica nas ventas dos vitelos para os desmamar.

Informa ainda o Sr. P.º Mourinho que na Terra de Miranda também se desmamam vitelos pondo nas tetas das vacas peles de ouriço-cacheiro.

Embora, como vimos, ao *botilho* reproduzido nas figs. 1 e 2, no Felgar algumas vezes chamem também *focinheira*, o certo é que quando tirei a fotografia me disseram que a sua designação era *botilho*.

Parece portanto poder concluir-se que no leste trasmontano a designação de *botilho* é genérica.

Assim leva a pensar o facto de em Terra de Miranda se chamar *botilho* ao cilindro de madeira que serve para embotilhar os cabritos, e o mesmo nome se aplicar no Felgar quer à tábua com pregos cravados com a qual se embotilham os vitelos que já vão comendo, quer a um cofinho feito ora de arame ora de vime que serve para embotilhar os vitelos mais pequenos, que ainda não comem, os chamados vitelos mamões.

SANTOS JÚNIOR.